

6 Conclusão

Luiz Edmundo viveu em um período muito rico da formação político-cultural brasileira. Vivenciou, quando menino, o advento da abolição da escravidão, a proclamação da República, a Revolta da Armada, a revolução federalista. Viu, ainda, a Revolta da Vacina, o conflito de Canudos, o surgimento, desenvolvimento e queda da República Velha, o movimento tenentista, Getúlio Vargas e seu Estado Novo e quase presenciou o período da ditadura militar.

No plano tecnológico, o autor viu o desenvolvimento do jornal como meio de comunicação de massas, a criação da energia elétrica, o advento dos navios a vapor, o rádio, o carro, o gramofone, a geladeira, o forno elétrico, a televisão e o raio X.

Culturalmente, o autor viu se desenvolver na cidade do Rio de Janeiro, que este julgava ter a cara dos períodos históricos colonial e imperial, o surgimento de uma juventude que procurava encontrar no ambiente urbano da cidade carioca, traços estéticos e hábitos que a identificassem com a juventude de países entendidos como civilizados, por possuírem confortos e um estilo de vida que não se encontrava no Brasil, com cafés, cabarés e bares. Era a ruptura com a mentalidade colonial portuguesa que dava lugar ao surgimento de uma mentalidade nova, cosmopolita.

No plano literário, fez o autor parte de um grupo de escritores que relacionava o ritmo frenético da modernidade ao ritmo rápido das notícias e crônicas a respeito do que se passava no mundo, sendo o barulho o som do momento.

Das viagens fez o autor um aprendizado, estilo de vida moral e estético, que, através das roupas importadas, gírias e bebidas, faria a cidade se educar pela estética.

O que o presente trabalho pretende destacar como conclusão, porém, é o entendimento histórico que o autor faz do desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro como exemplo de processo de modernidade. A cidade vive três fases:

1. A de antes da modernização: colonial e atrasada.
2. A do período da modernização: tela em branco. Momento em que a república é entendida como a forma estética de governo capaz de alterar a mentalidade colonial e a aparência física da cidade.
3. Após a modernização: feita a reforma de Pereira Passos e Oswaldo Cruz, a cidade passa a ser inserida em um mundo moderno que será abalado pela grande guerra de 1914, momento da quebra do sonho cosmopolita.

Pessoalmente, Luiz Edmundo observa não somente a cidade do Rio de Janeiro, como também as outras cidades, como um dândi, homem necessário e figura principal para a concretização do projeto de modernidade. Possui para isto, o autor, “espírito” moderno, vontade de mudança e a típica irreverência da juventude. É ainda como dândi que o autor pensa e constrói a narrativa da cidade colonial encontrada na obra *O Rio de Janeiro do meu tempo*, onde se pode ver o seu empenho pessoal pela construção de uma mentalidade e uma história tipicamente nacional.

Através da cidade moderna, e como um cidadão do mundo, estaria o autor a fazer parte da linhagem de uma modernidade, sendo a sua figura não somente importante para a sua geração como para o desenvolvimento da cultura ocidental. Suas responsabilidades, conhecer a beleza, o bom gosto e difundi-los era sua forma de agir politicamente no mundo.

Uma vez passado o processo da briga pela construção de um sentimento tipicamente brasileiro e vendo a cidade carioca, nos seus cinquenta anos, bastante alterada, vai o autor encontrar em Lisboa as características estéticas que motivaram todo o engajamento social e literário de sua geração. Olhando o cenário português como um produtor histórico da cidade carioca colonial, nota-se a leve transição que este dândi vai fazendo em direção ao comportamento de um flâneur.

O autor, no fim da vida, procura buscar as causas sociais que teriam gerado um determinado contexto histórico, no caso o Rio de Janeiro, sem classificar os motivos imediatamente como “modernos” ou “atrasados”. Ao compreender o processo, entretanto, não é mais capaz de reconhecer o que seria a modernidade daquele tempo.

A sua modernidade passou. Esvaiu-se com a imagem da cidade Imperial. Mas, através da sua obra escrita, continua o autor vivo, diferente daqueles traços de modernidade que este julgava poderem ser eternamente notados e conservados sem serem entendidos como elementos que também fizeram parte de um passado. A morte é inevitável, mas a histórica não o é.